

Graduada em História, mestre e doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Docente do Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi e dos cursos de bacharelado em Design de Moda, Design de Games e Design Gráfico da Escola de Artes, Arquitetura, Design e Moda da mesma instituição.

E-mail: mmerlo@anhembi.br

Futebol... é preciso para viver!?

Soccer... do you really need it!?

[resumo] Este artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre futebol e criação/recriação de identidades. Ele tem por objetivo levantar aspectos sociais, culturais, políticos e individuais que tornam o futebol uma escolha que localiza o sujeito no grupo, posiciona-o socialmente e o investe de sentimentos e sentidos peculiares em torno da associação futebolística, da torcida e da paixão, revelando o porquê de se vestir a "camisa" do time. Futebol é mais do que mera diversão, e, ao pensá-lo como "válvula de escape", coloca-se a questão do jogo de poder e das identidades presentes na produção e reprodução real e simbólica de seus elementos no cotidiano, ontem e hoje.

[79]

[palavras-chave]

futebol; identidade; cultura; sociedade.

[abstract] This article presents a reflection on the relationship between soccer and identity creation/reconstruction. It also aims to raise social, cultural, political, and individual aspects that make soccer a choice which locates the subject in his/her group, inserts him/her socially and invests feelings and peculiar directions to such a subject, these ones related to the soccer association, the groups of cheerers and the passion, thus presenting the reason to really become a fan of a team. Soccer is much more than just a mere entertainment. When we understand it as a "safety valve", we perceive the subject of power game and of identities present in the real and symbolic production and reproduction of its elements in daily life – in the past and currently.

[key words] soccer; identity; culture; society.

Futebol é coisa séria!!! DaMatta (2006), Sevckenko (1994), Rodrigues (1993), Caldas (1990), Antunes (2004), Franco Jr. (2007), entre outros tantos acadêmicos e não acadêmicos, escreveram (e continuam escrevendo) acerca do futebol por ângulos diversos, mas todos apontam, sem nenhuma dúvida, para aspectos sociais, culturais, políticos, específicos e simbólicos inerentes ao esporte.

Falar em futebol é tocar na identidade. O que faz um ser humano sentir tamanha emoção, unir-se à multidão, vestir uma camisa do time e, impressionantemente, diante de tantas desigualdades e diferenças, sentir-se completamente integrado por alguns instantes?

Futebol é paixão. Mas também é memória e tradição. A ideia de que a tradição é perene – a noção de eternidade – encobre o próprio movimento que a faz viver. A sua dinamicidade é responsável pela incorporação e criação de novos elementos, contribuindo para que certas tradições sejam reinventadas. Dessa forma, a procura da tradição, hoje, não significa o encontro de todos os traços autênticos, mas de elementos que significam e ressignificam os sentidos do continuar existindo, ainda que em mudança constante. Assim é o futebol! Podemos rememorar momentos de glória do futebol denominado arte e, também, encontrar reminiscências deste no futebol dito corporativo, profissional, dos tempos atuais. Memórias saudosas, nostálgicas ou esquecimentos forçados – “não quero lembrar as perdas”... “que fracasso!!!”. Mas vitórias e derrotas estão presentes na vida e no futebol como uma representação bastante viva das existências cotidianas.

Assim que o time do coração ou a seleção verde e amarela entram em campo, o coração volta a bater e a esperança entra novamente em cena. Tais oscilações são próprias da paixão! Isso me fez lembrar um nativo da Comunidade do Bonete de Ilhabela, em 1996 – dois anos após a seleção brasileira ter conquistado o tetracampeonato, comentando o caráter do brasileiro.

Brasileiro é invocado, sabe? É um leão deitado, o Brasil. O leão deitado não faz mal a ninguém, está só lá esperando ali quieto; e quando ele se levanta, faz aquela desordem. Não vê o jogo de bola (...) o Brasil sempre ganha. Assim era na guerra. Os brasileiros entraram lá foram indo, foram indo e ganharam. (...) O Brasil é invocado, somos um bocado de brasileiros valentes. (MERLO, 2000, p. 106)

Esse interlocutor falava, na ocasião, sobre o passado de Ilhabela, em uma narração livre, a partir de lembranças que marcaram sua memória. E, ao lembrar-se de algumas passagens da história local e geral – Promulgação da República, da Revolução de 1932 e da Segunda Guerra Mundial –, teceu, espontaneamente, uma relação entre os fatos passados, mediante sua livre interpretação, e a valentia do brasileiro, e, ao associar o lado manso ao guerreiro do brasileiro, traçou uma analogia com o futebol. Futebol, arte,

guerra parecem muito bem associados na fala desse nativo, e essa associação remete à nossa formação.

Assim como as escolas de samba, podemos dizer que os clubes de futebol, ao menos em suas origens, formam tipos de comunidades culturais. Clubes, times e torcidas, com o passar do tempo, foram tomando configurações particulares, mas guardam elementos comuns: alguma tradição e legitimidade apoiada na história oficial e extraoficial do time; o clube que uniu parceiros e marcou um território, criando um entorno social nas comunidades locais em função do emblema do time e escolha do torcedor. Paixões que beiram a fanatismos religiosos, promessas e apostas, criam e recriam identidades. Invenções modernas revestidas e travestidas de questões complexas.

As comunidades culturais, em geral, possuem uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006), pois, de um lado, viveram um passado em conjunto, de outro, a memória apoia-se no grupo. Mas ao se pensar em identidade nacional, a comunidade é imaginada. Se a identidade é relacional por natureza, podemos dizer que há uma crença subjetiva de pertencimento que faz os indivíduos se unirem em torno de elementos que julgam comuns. Estamos, então, falando de convicção, fé, desejo de realização por meios diversos.

As lembranças de acontecimentos, hábitos, valores, normas, crenças, vividos em comum possibilitam o processo de construção-reconstrução de identidades. É nessa perspectiva que há o imbricamento da memória com a identidade. Não é à toa que, ao se referir à prática futebolística, em geral, remetem-se às origens, seja do jogo, do clube, seja dos seus mais renomados jogadores e momentos históricos. De qualquer forma, parece que a memória dos jogadores, dos torcedores e dos meios de comunicação, em geral, remete mais aos momentos gloriosos do que aos inglórios.

Não obstante, se estamos falando em um contexto histórico no qual o futebol se insere em nossos modos e faz modas, sobretudo é porque reconhecemos seu impacto, assim como os esportes em geral, sobre a cultura no século XX. Sevcenko sintetiza, de forma exemplar, os sentidos dos jogos conformando novas práticas sociais por meio de técnicas corporais e simbólicas.

Essas práticas podiam ter o sentido de lazer e entretenimento, como a caça (game) para as classes armadas ou as brincadeiras de roda para os grupos populares. Mas seu caráter essencial mantinha sempre um sentido ritual, com conotações estamentais, cerimoniais e confirmatórias de papéis e simbolizações sociais. A invenção dos esportes em fins do século XIX, embora tenha se alimentado dessa tradição, deu origem a coisa completamente diversa. O que caracteriza por excelência essa nova atividade é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. (SEVCENKO, 1994, p. 32)

A história dos clubes de futebol em território nacional, por exemplo, nos remete, logo de cara, à diversidade socioeconômica, assim como nos aponta para a questão étnico-racial e cultural do país. Entre encontros e desencontros, o futebol também conta nossa história, apogeu, transições, perdas e danos. Do futebol arte ao profissionalismo que afastou, de alguma forma, a várzea e o campo de futebol (ainda que deles se recolham e recolhem frutos) do Clube, percebemos que tais distinções e acirramentos foram observados e sentidos na realidade brasileira e mundial. Sua história passa por questões políticas e identitárias em épocas distintas que marcaram nossos

corações e mentes. Podemos até arriscar dizer que o "nosso" futebol sincretizou práticas, amalgamou formas, apresentou novos conteúdos, apropriou-se e também criou técnicas, delineou outras cartografias, tornou-se texto e contexto.

Essas técnicas corporais são performáticas; foram criadas e transmitidas pelas diferentes comunidades culturais, aprendidas e apreendidas pelos seus membros na própria prática. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o passado também está sedimentado no corpo. Por meio da memória corporal manifestada no movimento dos corpos é possível captar símbolos e interpretá-los. É possível, inclusive, a partir do estudo dessas práticas, voltarmos aos respectivos povos que as criaram, pois nas suas origens não se constituíram em elementos isolados. Na verdade, existe um diálogo mudo baseado em signos entre essas práticas e suas respectivas comunidades culturais. Há aqui um universo a ser desvendado. Por isso, podemos, sem receios e rodeios, afirmar que futebol é cultura. Dito isso, podemos refletir sobre como adaptou modos, assim como influenciou e inventou modas. Por meio dele, compreendemos processos e chegamos aos projetos, comportamentos e possibilidades, analisamos o corpo social e podemos pensar o devir.

Analisando o caso do Palestra Itália em relação à comunidade cultural italiana no Estado de São Paulo, percebe-se como o exposto acima se configura. O futebol parece ter sido o mais importante para esta comunidade cultural. Tanto é que ao fundarem, em 1914, o Palestra Itália, seus jogadores só podiam ser italianos, e a prova de pertencimento a essa etnia encontrava-se no sobrenome. Situação que começa a mudar no momento em que se inicia o processo de profissionalização do futebol. No caso do Palestra Itália, além dos italianos, abre-se um espaço para os descendentes, e este vira um clube que associa futebol a um contexto socioeconômico e cultural muito mais abrangente.

O Palestra Itália teve uma história bem diversa. Seus fundadores eram provenientes dos estratos médios da sociedade. Os formuladores da idéia que gerou o Palestra Itália eram funcionários administrativos das Empresas Matarazzo, cujo objetivo era aglutinar, em torno de uma associação desportiva, justamente a parte italiana dessa faixa social, que não encontrava espaço nas associações futebolísticas de porte da cidade. Com isso, pretendiam criar uma equipe representativa do grupo italiano da cidade de São Paulo, que não se restringia a esse estrato médio. É necessário lembrar que a maioria dos imigrantes italianos, naquele momento, estava se tornando a mão-de-obra das indústrias paulistanas, e somente uma parte integrava os estratos médios ou a nascente burguesia industrial paulistana. (ARAÚJO, 2000, p. 132)

Araújo vai além ao dizer que a fundação do clube vinha ao encontro da mudança de imagem do grupo italiano em relação à sociedade receptora:

A necessidade de mudança na imagem do grupo italiano e a popularização do futebol no país foram as causas da fundação do Palestra Itália. Esse esporte seria a arena na qual a mudança poderia ocorrer, através da competição contra os clubes das elites paulistanas. A disputa futebolística tornar-se-ia o *locus* privilegiado para os imigrantes construírem a nova imagem do grupo, rivalizando em igualdade de condições técnicas e normativas com os integrantes da sociedade paulistana, e em que se abria a possibilidade de demonstrar o valor "moral" do grupo. (ARAÚJO, 2000, p. 133)

Além dos fundadores e jogadores do Palestra Itália, também a torcida revela pertencimento e uma rica possibilidade de análise na construção de um comportamento apoiado em uma intensa confluência de sentidos e sentimentos que ultrapassam o fato de vestir uma camisa do time com cores verde e branco e emblema do clube – bens simbólicos altamente eficientes no que portam e comportam do indivíduo e do grupo em questão.

Esse grupo desnuda sentimentos importantes da comunidade italiana em São Paulo, principalmente o da busca de reconhecimento diante de uma sociedade que havia projetado uma imagem do imigrante com a pobreza, a sujeira, o analfabetismo e com todos os tipos de problemas sociais. Imagem que não correspondia às aspirações desse grupo étnico. Portanto, o Palestra Itália não era só futebol, era também um local de encontro, de divertimento, lazer dos italianos em São Paulo, ou seja, um *locus* onde, mais do que jogar ou assistir a uma partida de futebol, encontrava-se uma possibilidade de posicionar-se socialmente. E isso é claro não só no Palestra Itália, mas em todos os clubes em que a história demonstra tais movimentos sociais, configurando o futebol como um fenômeno social total.

O envolvimento emocional e histórico de torcedores é também assunto de interesse de muitos intelectuais e estudiosos de comportamento humano. Nasci e cresci em uma casa de palmeirenses fanáticos. Tenho amigos palmeirenses, corintianos e são-paulinos bastante fanáticos. Tive a oportunidade de conversar com alguns desses torcedores e procurei conhecer outros além do meu rol de amigos e, para minha surpresa, meu pai, filho de imigrantes italianos, apresentou-me um torcedor de sua cidade, bem mais jovem que ele e mais fanático. Achei surpreendente a revelação do meu pai, que com todo o seu fanatismo reconheceu em seu jovem amigo palmeirense alguém exagerado em sua paixão pelo time e, ao conhecê-lo, dei-me conta que era um exímio contador da história oficial e extra-oficial do Palestra Itália/Palmeiras. Conhecia as datas com precisão, contava, com emoção e devoção, sobre as grandes vitórias e, também, as derrotas do seu time do coração. Apresentou-me os nomes dos jogadores de todos os times em todas as épocas da história do Clube, assim como dos técnicos, árbitros, times com quem jogou em finais de campeonatos. Falou da época em que o Palmeiras virou academia de futebol e fez escola literalmente, mas não deixou de contar os momentos do futebol amador com toda sua glória.

Ao ouvi-lo, pude compreender mais de perto a paixão de um torcedor pelo seu time, e tornou-se mais evidente a carga afetiva depositada no futebol. Fiquei impressionada, primeiro com a memória do torcedor e depois por suas escolhas. "Trabalho nos Correios, como entregador de correspondências", disse-me: "Minha profissão é carteiro, meu lema é Palmeiras". Suas namoradas foram e continuarão sendo as palmeirenses. Contou-me de uma namorada que, sabendo de sua fama de palmeirense fanático, não revelou que era corintiana, e ele, ao descobrir sua "verdadeira identidade", mesmo apaixonado, desistiu da moça, pois seria impossível namorá-la nesta condição.

Assim, apoiando-se em Sevcenko, podemos considerar que

Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

O futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva. (SEVCENKO, 1994, p. 35)

Diante disso, colocam-se questões pertinentes para pensarmos a relação entre futebol, memória, identidade, cotidiano, poder e sociedade. Modos que constituem modas, que viram projetos de vida, que presentificam nosso entorno, sobretudo em momentos de campeonatos locais, nacionais e mundiais, em que se emergem tais sentimentos, que se intensificam em nossas práticas diárias, pois parecem intrínsecos ao esporte.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. "Com brasileiro não há quem possa!": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 2000.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2006.

MERLO, Márcia. *Memória de Ilhabela: faces ocultas, vozes no ar*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, São Paulo, nº 22, p. 30-37, jun./jul./ago.1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2010.